

Após alerta, Aneel leva 'pito' de Lula

Um dia após o diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica, Jerson Kelman, ter admitido a necessidade de racionamento ainda este ano, ministro Nelson Hubner descarta risco de falta de energia. Presidente Lula convoca reunião para discutir a situação dos reservatórios e repreende diretor da agência reguladora.

PÁGINA 14

ENERGIA

Após alerta, Aneel leva 'pito' de Lula

Um dia após o diretor da Agência Nacional de Energia Elétrica, Jerson Kelman, ter admitido a necessidade de racionamento ainda este ano, ministro Nelson Hubner descarta risco de falta de energia. Presidente Lula convoca reunião para discutir a situação dos reservatórios e repreende diretor da agência reguladora.

PÁGINA 14



Guatvo Moreno/Especial para o CB



vacinas no posto da Anvisa. Os agentes aplicaram 600 doses, mas pelo menos 150 pessoas ficaram sem imunização.

DESCARTA EPIDEMIA, MAS OBRA PRODUÇÃO DE DOSES

LOCAIS DE VACINAÇÃO E TIRE

14 ECONOMIA

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA, QUINTA-FEIRA, 10 DE JANEIRO DE 2008
Editor: Raul Pilati // raul.pilati@correioweb.com.br
Subeditores: Maísa Moura, Rozane Oliveira e Sandro Silveira
Tel. 3214-1148
e-mail: economia@correioweb.com.br

ENERGIA

Presidente Luiz Inácio Lula da Silva puxa a orelha de diretor da Aneel depois de ele admitir a possibilidade de racionamento este ano e ministro de Minas e Energia negar a existência de risco

Trombada federal

LUÍS OSVALDO GROSSMANN
DA EQUIPE DO CORREIO

O cenário de poucas chuvas e de uma série de dificuldades no setor elétrico levou o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, a admitir um racionamento de energia ainda em 2008. O Ministro de Minas e Energia, Nelson Hubner, descartou essa hipótese. Ambos, além do diretor do Operador Nacional do Sistema elétrico (ONS), Hermes Chipp, foram chamados ontem à noite ao Palácio do Planalto pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

O encontro foi para enquadrar Kelman e, para isso, a própria ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, antecipou sua volta para participar da reunião. O tom foi de que os números sustentam a avaliação do governo de que não há risco iminente e, especialmente, que o diretor da Aneel tem uma posição isolada. Ainda ontem o ministro Nelson Hubner admitiu que ligou para a Aneel para cobrar explicações. "Questionei a direção da Aneel se havia uma posição divergente. A resposta foi de que se tratou de uma exposição individual do diretor e que não reflete uma posição da agência", disse.

Para Hubner, "está descartado apagão em 2008 e 2009" e é muito cedo para se falar em racionamento — palavra que assusta qualquer governante, especialmente depois do trauma vivido pelo país em 2001. "Estamos com apenas 10 dias do grande período de chuvas, de janeiro a abril, que responde por 60% da água que entra nos reservatórios. Não temos nenhum motivo de alarde", insistiu o ministro.

O presidente Lula já ouvira do ministro a avaliação de que a situação está sob controle, em encontro na sexta-feira passada. Mas esta semana o preço da energia disparou — um aumento de 92% em relação aos primeiros dias de janeiro — e, na terça-feira, o diretor da Aneel alertou para

a necessidade de planejamento. "Não é impossível haver um racionamento este ano, mas o mais provável é que não tenha. Mas você só discute temas como apólice de vida e sepultura quando está bem de saúde. Da mesma forma deve ser com coisas desagradáveis, como o racionamento. Esse assunto deve ser discutido muito antes, não sob pressão", disse Jerson Kelman.

A pressão, porém, é evidente. E o forte aumento no preço da energia se deve às chuvas que ainda não vieram e o baixo nível dos reservatórios das hidrelétricas. No Sudeste e Centro-Oeste, principal região geradora e consumidora de energia, o nível é o menor para um mês de janeiro desde 2004. No Nordeste a situação é séria e levou a antecipação do uso de usinas termelétricas.

O governo sustenta que está acompanhando a situação de perto. Hoje, haverá uma nova reunião do Comitê de Monitoramento do Setor Elétrico, órgão que já decidiu a antecipação da geração térmica

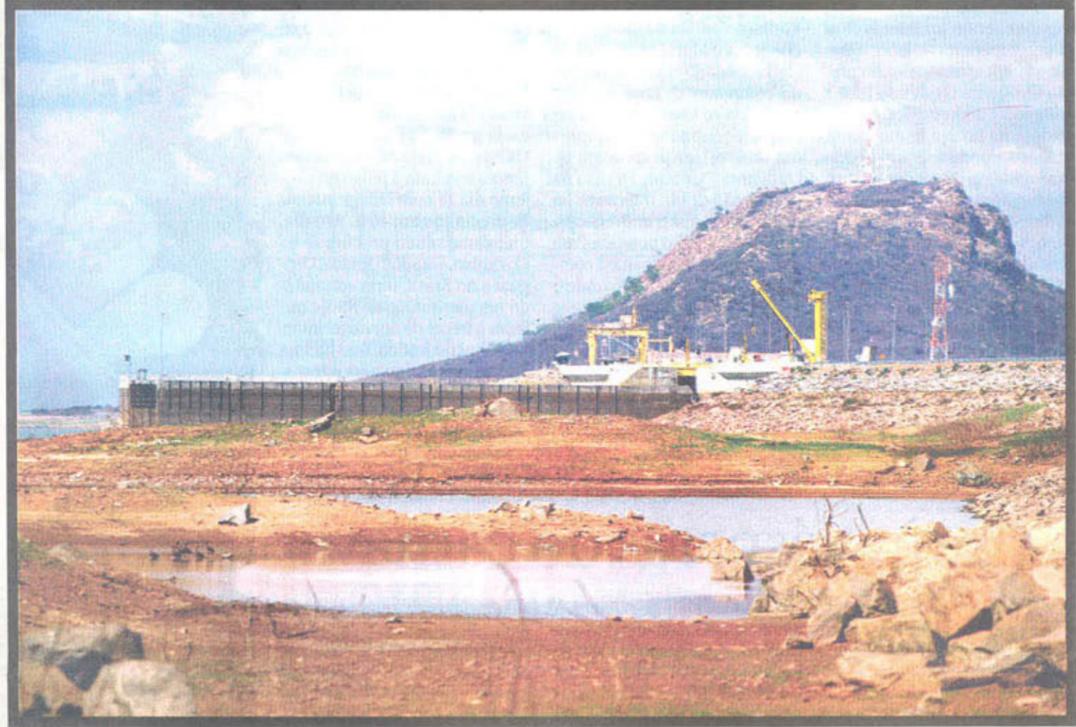
para o Nordeste desde dezembro, onde o nível médio dos reservatórios está em 27% — na usina de Sobradinho é de apenas 19%.

Além disso, está sendo transferida energia do Sudeste/Centro-Oeste (SE/CO) para a região e isso dificulta a recuperação dos reservatórios da área de maior consumo. No SE/CO, o nível dos reservatórios está em 44%. O governo diz que esse percentual ainda é "muito confortável", mas o ONS está ampliando repasses de energia do Sul para compensar o que está indo para o Nordeste.

Segundo Hubner, medidas adicionais podem ser tomadas a partir de meados de fevereiro, caso as chuvas não venham. Ele garante que há um plano de contingência, mas não revela os termos — para o governo, isso poderia ter impacto no mercado de energia. É previsível, porém, o desvio de gás natural de indústrias para a geração de energia. (leia ao lado).

COLABOROU DANIEL PEREIRA

Ivan Cruz/Agência A Tarde - 7/12/07



O NÍVEL DO RESERVATÓRIO DA USINA DE SOBRADINHO, NO NORDESTE, É O MAIS BAIXO DA REGIÃO, COM APENAS 19% DE SUA CAPACIDADE

Plano de contingenciamento existe

Se, como sustenta o governo, ainda é cedo para alarmes no setor elétrico, os temores do segmento pelas poucas chuvas, o baixo nível dos reservatórios e os riscos de abastecimento de gás natural pelo menos provocaram uma reação. O Ministério de Minas e Energia já admite que existe um plano de contingenciamento caso a situação se agrave.

Não deixa de ser uma novidade num tema delicado. Os termos desse plano não foram divulgados — prevalece aí o argumento de que haveria impacto no mercado que define o preço da energia. É notório, porém, que esse é um assunto que os governos preferem evitar, com uma aparente confusão entre a existência de um plano

com a admissão de que haverá racionamento.

De qualquer maneira, o ministro de Minas e Energia, Nelson Hubner, sugeriu medidas que podem ser adotadas caso as chuvas não apareçam até meados de fevereiro. "Se caminharmos para uma situação que exija mais cuidado em termos de suprimento energético, temos condições de retirar gás do consumo próprio da Petrobras para ativar o máximo de térmicas possível", afirmou.

De fato a estatal utiliza internamente cerca de 7,6 milhões de metros cúbicos de gás natural diariamente, o que poderia ser convertido em cerca de 1,5 mil MW médios de energia. Acontece que isso tem custos e, além disso, a Petrobras já vem fazendo tal esforço desde antes

da tentativa de reduções no fornecimento de gás natural ao Rio de Janeiro e São Paulo, no final de outubro.

Emergência

O governo sustenta, também, que discute algumas medidas de emergência com as distribuidoras de gás natural. Deve mesmo, afinal naquele episódio de outubro, as distribuidoras do Rio ignoraram os apelos e conseguiram na Justiça manter o mesmo consumo de gás natural. "Se for preciso, teremos uma resolução do CNPE (Conselho Nacional de Política Energética), respaldada pelo presidente da República", adianta o ministro.

O gás natural é importante porque, sem chuvas para realimentar as hidrelétricas, o

combustível teria o melhor custo-benefício para a geração de energia. O problema é que há pouco gás. A Argentina que enviava para o Brasil energia produzida a partir do gás comprado da Bolívia, vive uma crise energética e suspendeu o fornecimento. A Petrobras, fornecedora do combustível no país, repassou parte do gás que seria usado nas termelétricas para as distribuidoras estaduais. Por isso, quando as usinas precisaram ser acionadas, em 2006, não havia combustível suficiente. A estatal fez um acordo com a Aneel para aumento gradativo da oferta de gás. Mas, como se viu em outubro, trata-se de uma conversa complicada com os estados. (LOG)

Indústria teme falta de gás

DO JORNAL DO COMERCIO

O presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Eduardo Eugênio, baseia-se na participação de 25% do gás natural no consumo energético da indústria fluminense. A restrição feita outubro às distribuidoras equivaleu ao corte de 17% do fornecimento total de gás no estado do Rio de Janeiro. O impacto dessa medida é uma redução potencial de cerca de 4,5% do Produto Interno Bruto industrial da região, ou o equivalente a quase R\$ 5 bilhões. Os principais setores atingidos são as indústrias de

R\$ 19,6 milhões para o setor.

O cálculo feito pela Firjan, em caso de desabastecimento, baseia-se na participação de 25% do gás natural no consumo energético da indústria fluminense. A restrição feita outubro às distribuidoras equivaleu ao corte de 17% do fornecimento total de gás no estado do Rio de Janeiro. O impacto dessa medida é uma redução potencial de cerca de 4,5% do Produto Interno Bruto industrial da região, ou o equivalente a quase R\$ 5 bilhões. Os principais setores atingidos são as indústrias de

vidros, siderúrgica e química.

Eduardo Eugênio enviou carta ao ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, na qual concorda com a mudança do perfil da curva de aversão a risco para o Sudeste e Centro-Oeste, mas chama a atenção para a incerteza com relação ao abastecimento num momento em que o Rio se prepara para receber investimentos recordes, de cerca de R\$ 107,3 bilhões em três anos, criando 310 mil empregos. Os números são do relatório Decisão Rio, divulgado pela Firjan.